



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CAMILLA MARIA LIMA SILVA

**O LAÇO FRATERO NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

JOÃO PESSOA, PB
JUNHO, 2022

CAMILLA MARIA LIMA SILVA

**O LAÇO FRATERNAL NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de Psicologia como requisito final
para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Ieda Franken Rodrigues

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586l Silva, Camilla Maria Lima.

O laço fraterno na psicanálise contemporânea : uma
revisão integrativa da literatura. / Camilla Maria Lima
Silva. - João Pessoa, 2022.
33 f. : il.

Orientadora : Ieda Franken Rodrigues.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2022.

1. Psicanálise. 2. Fratria. 3. Totem e Tabu. 4.
Complexo Fraterno. I. Rodrigues, Ieda Franken. II.
Título.

UFPB/CCHLA

CDU 159.964.2

CAMILLA MARIA LIMA SILVA

**O LAÇO FRATERNAL NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Artigo científico apresentado ao Departamento de Psicologia, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Psicologia.

RESULTADO: _____ NOTA: _____

João Pessoa, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ieda Franken Rodrigues (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dra. Clênia Maria Toledo Santana de Gonçalves (examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dra. Héliida Paiva de Magalhães (examinadora)
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais e às minhas irmãs por todo o amor, compreensão e suporte que me permitiram seguir estudando e por terem me acompanhado nessa jornada, me incentivando no que puderam, sempre. Sou muito afortunada por tê-los ao meu lado até hoje.

Sou privilegiada por ter tido ao meu lado as professoras Dra. Ieda Franken e Dra. Clênia Toledo, que me receberam de braços abertos em seus projetos de extensão, os quais foram decisivos para que eu seguisse as áreas que atualmente amo e não me canso de estudar. Muito obrigada por me acompanharem nesse percurso, de forma humanizada e empática, sempre!

Agradeço também aos amigos da UFPB com quem mantenho desde 2016 uma relação duradoura, de muito carinho e cuidado e aos amigos que fiz em Natal durante a graduação, que também me apoiaram imensamente.

SUMÁRIO

RESUMO	5
1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
3 OBJETIVOS	13
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
QUADRO DE ESTUDOS E SUAS VARIÁVEIS	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

O LAÇO FRATERO NA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

RESUMO

Pouco se tem visto ou discutido a relação entre irmãos nas principais obras - de autores nacionais ou internacionais - responsáveis por expor e definir conceitos psicanalíticos. Os estudos sobre o laço e a relação fraterna têm sido uma incógnita no que concerne ao âmbito clínico-teórico da psicanálise. Estudos sobre a fratria foram abertos por Freud, mas não aprofundados, ainda que essa realidade venha mudando por meio de produções que se iniciaram na transição do século XX para o século XXI, as quais despertam o interesse de pesquisadores para esta relação entre irmãos, a fratria, na visão da teoria psicanalítica contemporânea. Este trabalho de revisão integrativa da literatura visa pesquisar o que tem sido publicado no Brasil acerca do laço fraterno - fratria à luz da psicanálise nos últimos dez anos (2011 a 2021) e de que forma os autores têm tratado essa temática. Para isso, foram examinadas as bases de dados SciELO, PePSIC, IndexPsi e LILACS e incluídos estudos de reflexões teóricas, pesquisas empíricas qualitativas, revisões teóricas e estudos de caso. Os resultados apontaram uma disposição das publicações em duas abordagens principais, baseadas nas obras de Freud: a primeira, numa abordagem social-antropológica, e a segunda, substanciada na clínica do Complexo Familiar e do Complexo Fraterno. Sabe-se da limitação deste trabalho e, portanto, sugere-se uma ampliação dos estudos brasileiros sobre o fenômeno da fratria, especialmente a partir das tendências teóricas psicanalíticas de Klein e Adler e nas regiões Nordeste e Centro-oeste do país.

Palavras-chave: Psicanálise, Fratria, Irmãos, Totem e Tabu, Complexo Fraterno.

1 INTRODUÇÃO

A chamada “questão do fraterno”, a qual envolve uma série de conceitos em diferentes nuances, atrai nas últimas quatro décadas alguns autores europeus das ciências humanas, que trazem contribuições de maior aprofundamento acerca do que de fato consiste a dinâmica do laço fraterno. Através do prisma psicanalítico, os estudos sobre a relação entre irmãos foram inicialmente abertos pelas perspectivas de Freud (1897), Adler (1930), Klein (1932) e Lacan (1938), porém pouco aprofundados.

Alguns autores como Kaës e Kancyper sedimentam a relação entre irmãos apresentando a existência do complexo fraterno como uma organização distinta da edipiana, sendo um real complexo, dotado de uma envergadura estrutural e funções próprias formuladas no espaço psíquico inconsciente do sujeito.

Embora o conceito de complexo fraterno traga um vasto aporte teórico a respeito do processo de subjetivação do sujeito, não se encontram menções sobre ele em nenhuma das três principais obras de definição dos conceitos psicanalíticos, como o Vocabulário da Psicanálise de Laplanche e Pontalis, o Dicionário Enciclopédico de Psicanálise de Kaufmann e nem no Dicionário Internacional de Psicanálise de Mijolla (Kaës, p. 23, 2011). Dessa forma, esse novo complexo traz complementos ao conhecido arranjo em Édipo e uma nova perspectiva sobre este como não sendo o único estruturante responsável no processo de constituição da sexualidade humana. Apesar de o conhecimento sobre o complexo de Édipo ser essencial para a compreensão da teoria psicanalítica, poucos são os trabalhos que tratam especificamente da relação fraterna como uma importante estruturante psíquica. Porém, sabe-se que a questão fraterna se faz presente na constituição de laços afetivos e emocionais, morais e sociais, assim como nas relações familiares para além da triangulação edipiana.

No contexto brasileiro, ao final do século XX, a psicanalista Maria Rita Kehl reúne uma série de autores a abordarem o tema em seu livro intitulado *Função Fraterna* (2000). Nele, se introduz o laço fraterno como aquele que substitui um espaço antes ocupado pela figura do pai, que nas sociedades modernas ocidentais chega a um declínio. Assim, o olhar do sujeito se volta para seu semelhante, o irmão, contribuindo para sua constituição subjetiva e para formação de laços sociais.

Portanto, neste trabalho se propõe investigar, por meio de uma revisão integrativa da literatura, artigos em português publicados nos últimos 10 anos acerca da temática da relação fraterna na visão da teoria psicanalítica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As posições de Freud sobre a questão fraterna, ainda que sejam hesitantes, abriram espaço para ilustrar a teoria e desenvolvê-la a partir de três principais orientações: na primeira, tida como sua orientação dominante, ele se empenha em explicar efeitos das relações entre irmãos e irmãs sobre a organização psíquica ulterior do sujeito. Em segundo lugar, trabalha em sua obra Totem e Tabu a função dos laços fraternos na constituição dos laços sociais. Por último, introduz a ideia de complexo fraterno, denominação utilizada por ele apenas ao início dos anos 1920. (Kaës, 2011, p. 24).

Sobre os efeitos das relações entre irmãos e irmãs na organização psíquica ulterior, desde 1895, Freud passa a observar as possíveis consequências psicopatológicas das relações sexuais que a circundam, assim como seus efeitos nas curas. No caso do Homem dos Lobos, ele põe em questão sua teoria da sedução precoce, onde a irmã desempenharia o papel daquela que o seduz. Explora de que modo seria dada a organização da vida psíquica da criança à chegada de um irmão rival, fenômeno considerado um traumatismo para o narcisismo primário. Provoca uma ameaça à soberania do primogênito, que é levado a renunciar os fantasmas de sua onipotência infantil, assim conduzindo-o a sentimentos de hostilidade, ódio e inveja diante desse irmão intruso, agora sendo aquele que se encontra na posição de receber mais atenção e amor dos pais. Observando o caso Hans em 1909, Freud articula que os efeitos da chegada desse irmão traz um estímulo à criança a trabalhar sua curiosidade sexual, construindo assim um certo número de teorias sexuais infantis para tentar responder ao desejo de buscar respostas para sua queda narcísica (Kaës, 2011, p. 25).

Em sua obra Totem e Tabu (1912-1913), Freud começa a tecer sua teoria sobre o mito da horda primitiva e o reconhecimento desta como um ato fundador da civilização. Nela, o conceito de irmandade se dá como sendo uma nova organização social, um grupo com um propósito em comum - a união para derrotar o chefe tirânico da horda por meio da força.

Assim, após a derrota do pai e havendo um reconhecimento coletivo de uma divisão, a irmandade é inventada como a primeira relação de solidariedade, por meio do reconhecimento do outro como outro, trazendo a possibilidade de que possam viver entre irmãos. (Monzani, 2011). Neste mito, é o ódio, o primeiro sentimento, e o ato de assassinar um superior os principais pontos a unirem os iguais em um laço libidinal, tornando-os irmãos, assim como transformar o chefe da horda em pai. O parricídio então se tornaria fundamental na criação da cultura e com ele, são trazidas culpabilização e renúncias por parte do novo grupo, o que traria ênfase na lei da exogamia vinculada ao totem.

Ainda, em Totem e Tabu, Freud traz que tribos de nativos australianos adotam a manutenção de uma exogamia totêmica, que tem por essência prevenir que os homens do grupo pratiquem incesto com a própria mãe e irmãs: “Torna impossível ao homem as relações sexuais com todas as mulheres de seu próprio clã (ou seja, com um certo número de mulheres que não são suas parentas consanguíneas), tratando-as como se *fossem* parentes pelo sangue” (Freud, 1913, p. 8). A fratria, juntamente com as classes matrimoniais são denominações que nessa obra Freud usa para caracterizar as restrições matrimoniais com base na barreira totêmica de proibição ao incesto adotadas pelas tribos. Sobre o amor e a sexualidade na relação fraterna, ainda na mesma obra, a união em um incesto entre irmão e irmã seriam capazes de destruir os laços familiar e social. Dessa forma, o interdito do incesto seria o único obstáculo que ocasionaria uma regressão da sociedade natural para a horda, na qual reinaria um estado de massa e de confusão (Kaës, 2011, p. 161). Segundo Goldsmid e Féres-Carneiro (2007, p. 294), “a marca do grupo fraternal vai ser um acordo, um pacto que suporta a falta e tolera a diferença, apesar de continuamente ameaçado pela competição, hostilidade e rivalidade fraternas”. Ainda, Benghozi e Féres-Carneiro (2001, como citado em Goldsmid & Féres-Carneiro (2007, p. 294) explicam a fratria como entidade psíquica grupal, sincrônica, possuidora de um aparelho psíquico específico, diferente da soma dos psiquismos

individuais dos irmãos e das irmãs, e que constitui o continente grupal de fratria. Com isso, distingue o laço fraterno da relação fraterna: enquanto no primeiro é marcado pelo partilhar do mesmo laço de filiação, ou seja, irmãos e irmãs em uma mesma família, o segundo irá se referir ao tipo de relação fraterna, que poderá ser próxima ou distante, fria ou calorosa, amistosa ou conflituosa.

A invenção freudiana do Complexo de Édipo ao final do século XIX permitiu dar a esses laços, anteriormente debruçados sob a ótica sociológica e antropológica da família, uma compreensão psicanalítica da família (Filho & Chaves, 2014). Sobre a temática da relação fraterna, Freud (1916-1917/1976a, p.65 como citado em Pereira & Lopes, 2013) explora a relação entre irmãos por meio dos sentimentos de hostilidade e rivalidade no âmbito familiar da seguinte forma: “Quando outras crianças aparecem em cena, o complexo de Édipo avoluma-se em um complexo de família. Este, com novo apoio obtido a partir do sentimento egoístico de haver sido prejudicado, dá fundamento a que os novos irmãos e irmãs sejam recebidos com aversão, e faz com que, sem hesitações, sejam, em desejos, eliminados”.

O complexo familiar foi a primeira nomenclatura dada por Freud às relações que se estendiam para além do complexo de Édipo, quando surgiam irmãos no âmbito familiar. No entanto, o termo “complexo fraterno” é mencionado por ele apenas nos anos de 1922 e 1923. Em 1922, é citado em uma análise sobre a inveja “normal”, um tipo de inveja profundamente arraigada no inconsciente, que diz respeito à afetividade infantil. Mais especificamente, uma inveja atrelada ao ódio e à rivalidade para a posse dos objetos e do espaço que lhe é disponível. Em 1923, a conceituação dada sobre esse complexo ainda consistia na manifestação de hostilidade da criança em relação aos seus irmãos, tidos como rivais. Tal hostilidade seria despertada pela possibilidade ou pela ocorrência da perda do carinho de seus progenitores ou da necessidade de dividi-los com o novo irmão (Elyseu, 2003). A visão freudiana sobre a chegada de um irmão marcaria um trauma primário ao narcisismo do

primogênito, assim como os sentimentos de ódio e inveja a esse novo irmão se associam aos desejos inconscientes de punição, em castigos sádicos ou de homicídio (Freud, 1919, como citado em Kaës, 2011, p. 26).

Expandindo a questão do laço fraterno para outros autores clássicos da psicanálise, Alfred Adler é outro autor o qual novamente expõe a rivalidade na relação fraterna em face do objeto. Para ele, o irmão é essencialmente alguém que priva do alimento e do amor da mãe. Adler também reúne ideias acerca do sentimento e complexo de inferioridade nas relações entre irmãos dentro de um núcleo familiar, buscando assinalar a influência desses sentimentos na construção da personalidade. Insere em sua teoria também o conceito do “primogênito destronado” pelo irmão caçula, em que antes do nascimento de um novo irmão, o primogênito detém toda a atenção dos pais, e que depois deverá partilhá-la com o outro bebê, monopolizador dos cuidados parentais. Na luta pela reconquista dessa atenção, o primogênito guardará traços caracteriais definitivos: de independência, competitividade, assim como conservadorismo. Enquanto isso, o “caçula deserdado” em face ao outro irmão, carregará uma marca de sua inferioridade, a qual buscaria compensar sob forma de “vontade de poder”.

Melanie Klein aborda a questão fraternal discorrendo sobre a violência da ambição como um importante elemento nas relações entre irmãos. Essa ambição refere-se especificamente à ambição primária sentida pelo bebê nos seus primeiros meses de vida, a qual se dirige contra o seio materno em um movimento de destruição e esvaziamento. Essa noção é estendida para além do seio e passa a compreender outros objetos parciais, dentre eles, o irmão. Ainda, Klein (1957, como citado em Kaës, 2011, p. 124), apresenta que: “A ambição é uma manifestação sádico-oral e sádico-anal das pulsões destrutivas. Ela intervém desde o começo da vida e tem uma base constitucional”. Para ela, a ambição ainda se distingue da inveja e da avidez, visto que a ambição surge como um sentimento de cólera, experimentado quando teme que o outro possua alguma coisa desejável e usufrui dela,

enquanto a inveja é fundada na ambição. Além disso, aborda o irmão ou irmã como objetos parciais na forma arcaica do complexo adélfico.

Jacques Lacan também abre os conceitos sobre a relação fraterna. Se debruçando sobre os complexos familiares, passa a definir o complexo fraterno como uma experiência primitiva do sujeito em se distinguir de seus irmãos. As condições que sustentam essa experiência variam segundo as culturas e a dimensão que elas dão ao grupo doméstico, assim como as contingências individuais em que, por exemplo, a ordem dos nascimentos irá influenciar no lugar do sujeito. Lacan incorpora em seus trabalhos concepções advindas da psicologia walloniana sobre a construção da personalidade. Nela, a personalidade é contemplada sob a perspectiva da diferenciação progressiva da personalidade do “ego” e do “outro” e que nela a inveja representa uma função determinante e, de forma primária, a experiência da imagem especular do outro e de “si-mesmo”. Lacan pensa o complexo fraterno como essencialmente um complexo do intruso e esse intruso significaria uma forma arcaica da relação com o outro, cujo destino é tornar-se um rival e em seguida ser reconhecido como um igual ao “si-mesmo” (Kaës, p. 32, 2011).

A partir do início do século XXI, autores como o francês René Kaës e o argentino Luis Kancyper iniciam seus estudos sobre o laço fraterno psicanalítico, para além do conceito de complexo familiar introduzido por Freud (1900) e seus contemporâneos. Freud introduz a questão do fraterno em suas obras abordando uma série de pensamentos diferentes, contudo, que não foram sistematizados e, portanto, não poderiam ser caracterizados como uma verdadeira evolução, insistindo na questão estruturante da psique humana pelo complexo de Édipo, o qual, Freud considerou como algo que transcende a história e as vivências individuais. Kaës (2011, p. 38) questiona justamente se o valor essencial do complexo de Édipo e a ênfase colocada por Freud na fundação do pai (na horda em Totem e Tabu), não oculta a importância que o complexo fraterno poderia proporcionar à elaboração

clínico-teórica da psicanálise. Kaës (2011) ainda, investiga o conceito de laço fraterno dentro do complexo fraterno, considerando que este integra também as relações entre os fantasmas, as relações de objeto, as imagos, identificações e mecanismos de defesa dos sujeitos que atam esses laços entre si.

Kaës (2011) e Kancyper (2019) estudam a dinâmica das relações horizontais, apresentando à psicanálise a existência de um *complexo fraterno*. Kancyper (2019, p. 173) trata o complexo fraterno como um fenômeno de envergadura estrutural própria, que possui articulação com as dinâmicas narcisistas e edípicas, assim como se faz importante na “estruturação e desestruturação das realidades intrassubjetiva, intersubjetiva e transubjetiva”.

Segundo Kancyper (2019), esse complexo é caracterizado como um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta, direcionado aos seus irmãos. Para o autor:

Esse complexo não pode reduzir-se a uma situação real, à influência exercida pela presença dos irmãos na realidade externa, porque transcende o vivido individual. Também o filho único requer, como todo ser humano, assumir e tramitar os efeitos gerados pela forma singular em que esse complexo se constrói em cada sujeito. (Kancyper, 2019, p. 291)

No contexto brasileiro, Maria Rita Kehl é uma das primeiras psicanalistas a explorar a questão do fraterno e reuniu em sua obra intitulada “A Função Fraterna” (2000), outros autores psicanalistas - como Leandro de Lajonquière, Joel Birman e Luis Claudio Figueiredo - que igualmente direcionaram os seus interesses para o estudo deste fenômeno.

Nesta obra a autora Kehl propõe inicialmente a indagação sobre a existência de uma função fraterna na constituição do sujeito. O outro, o irmão, sendo o seu semelhante, contribuiria decisivamente para a estruturação subjetiva. O primeiro capítulo do livro escrito por Kehl retoma às obras de Freud voltadas para uma psicanálise social: “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, “Mal-estar na Civilização” e “Totem e Tabu” articulando a associação entre massa e fratria. Fazendo uso da ideia de fratria, a autora propõe investigar outros modos de operação da relação do sujeito com seus semelhantes, presentes em nosso cotidiano, mas cujo entendimento esteve, por muito tempo, obscurecido pelo próprio Freud.

3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Investigar a relação fraterna na visão da teoria psicanalítica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) Conhecer as instituições brasileira de ensino que promoveram estudos sobre fratria;
- b) Identificar o ano de maior publicação;
- c) Conhecer as metodologias utilizadas nestes estudos;
- d) Analisar as tendências teóricas psicanalíticas.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

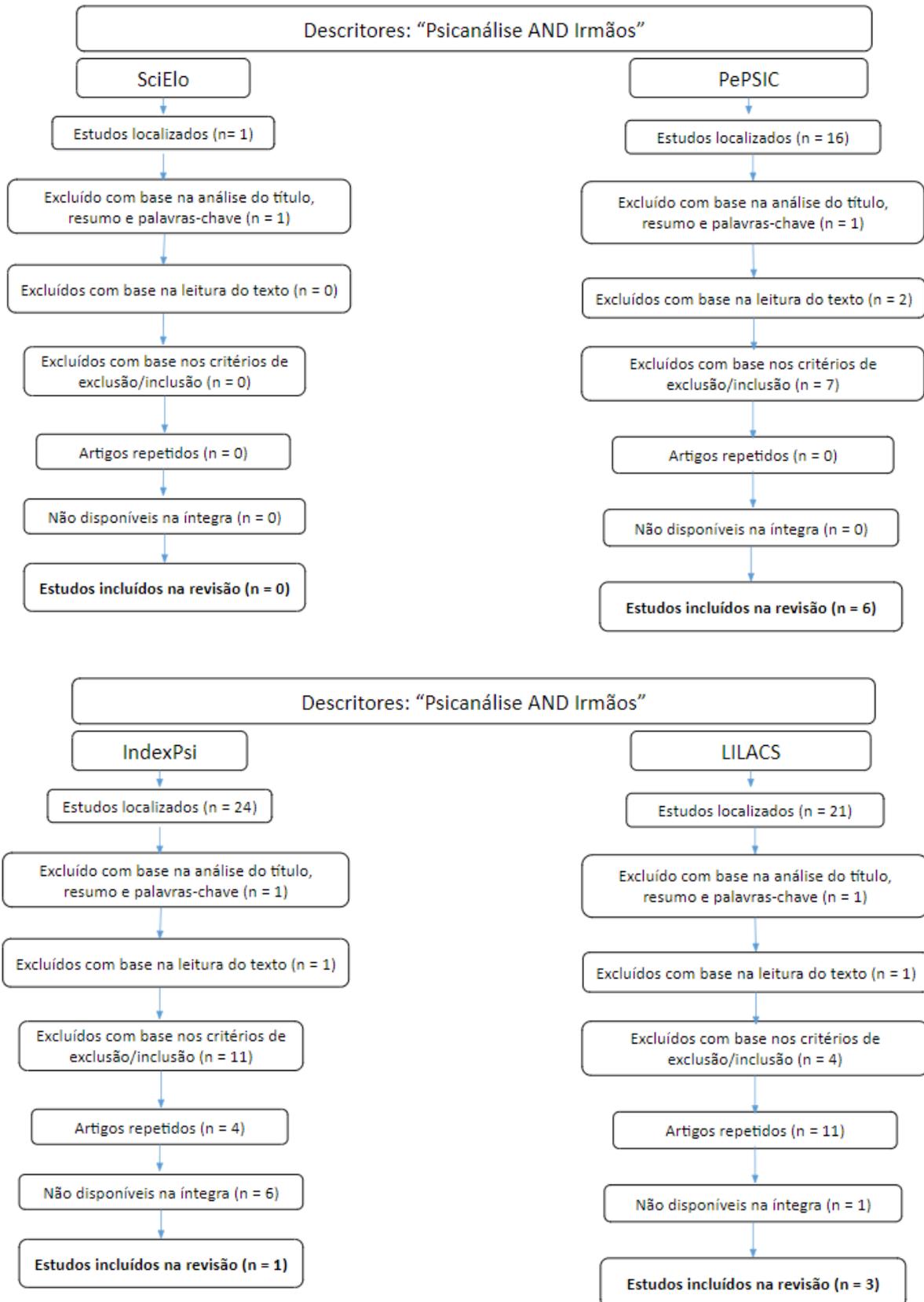
O presente estudo de revisão integrativa da literatura, analisou as produções brasileiras dos últimos dez anos (de 2011 a 2021) sobre a relação fraterna a partir da perspectiva psicanalítica. Realizou-se o levantamento bibliográfico de artigos indexados nas plataformas

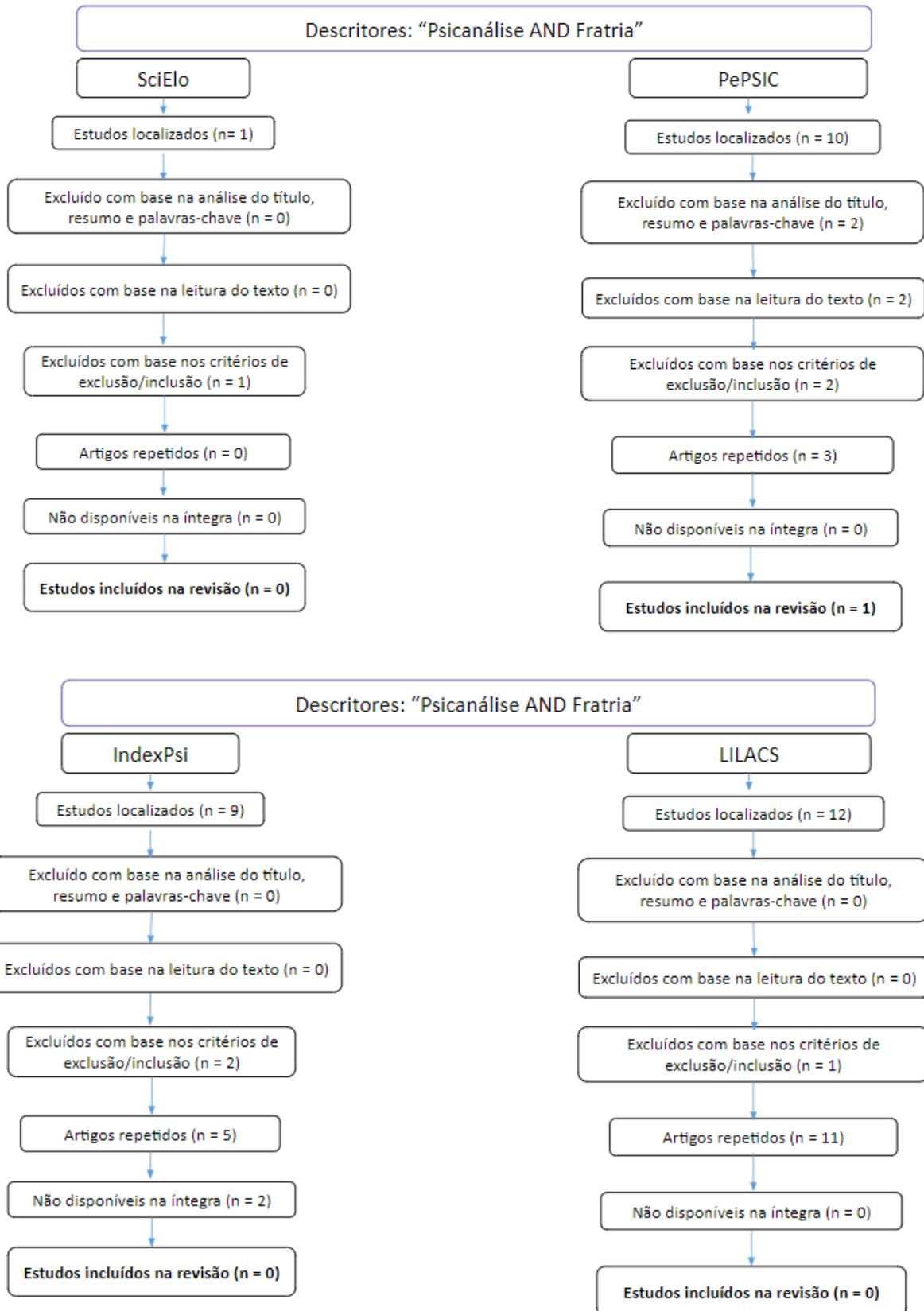
virtuais SciELO, PePSIC, IndexPsi e LILACS, utilizando-se dos descritores “Psicanálise AND Irmãos”, “Psicanálise AND Fratria” e “Psicanálise AND Laço fraterno”.

Como critérios de inclusão foram selecionados artigos em português, sobre a questão fraterna estudada através da teoria psicanalítica, identificados pelos títulos, resumos ou palavras-chave. Quanto aos critérios de exclusão, foram descartados trabalhos anteriores ao ano de 2011, artigos que não traziam os termos “irmão”, “irmãos”, “fratria”, “fraterno”, “fraternal” ou “psicanálise” no título, palavras-chave ou resumo, produções de fora do escopo psicanalítico, estudos empíricos quantitativos e trabalhos não encontrados na íntegra ou não acessíveis gratuitamente. As variáveis a serem consideradas neste trabalho serão: título, ano, autores, instituição, região, metodologia, tendência teórica psicanalítica e as considerações finais de cada estudo selecionado na revisão.

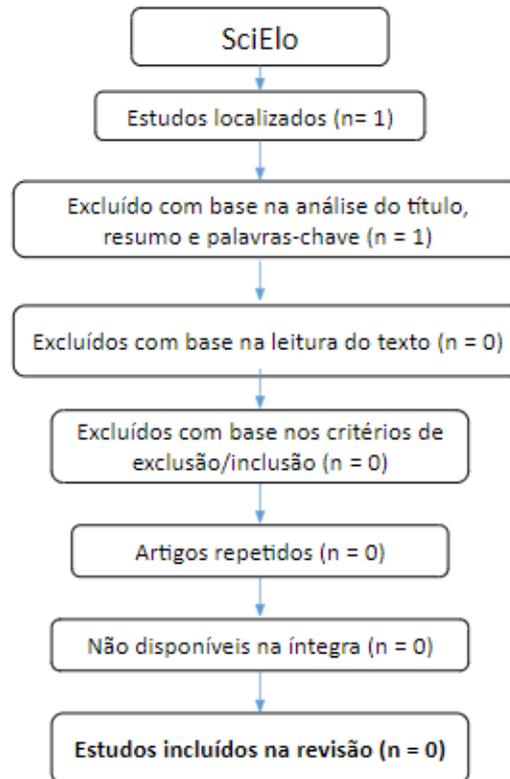
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após as tarefas de buscas e seleção dos estudos nas plataformas acima citadas e, respeitando os critérios de inclusão e exclusão, identificou-se 11 artigos que convergem com a temática do laço fraterno psicanalítico. O fluxograma a seguir demonstra como foi realizada a seleção destes, assim como quantos foram descartados por não se adequarem aos critérios de inclusão.

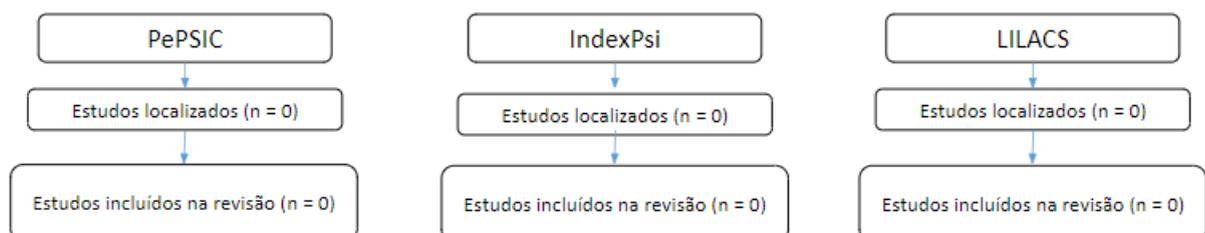




Descritores: “Psicanálise AND Laço fraterno”



Descritores: “Psicanálise AND Laço fraterno”



QUADRO DE ESTUDOS E SUAS VARIÁVEIS - Estudos selecionados

	Título do estudo	Ano	Autores	Instituição	Região	Metodologia	Tendência teórica psicanalítica	Considerações finais
1	A lei do tráfico na horda brasileira: o Nome-do-Pai na criminalidade.	2020	CABRAL, A. F. G. A. & SIEIRO, A. A.	UFMG; UFU; Haeresis Associação de Psicanálise	Sudeste	Reflexões teóricas	Lacaniana	É falacioso compreender que o PCC e o tráfico se apresentam onde não se inscreve o significante paterno. É pertinente questionar se o significante paterno se mostra suficiente para inscrever uma saída ética para o sujeito: uma saída que permita laços além dos contornos do grupo e do Nome da facção.
2	O impacto emocional de se tornar irmão pela adoção: um estudo de caso coletivo.	2019	RODRIGUES, A. C. F. & HUEB, M. F. D.	Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Triângulo Mineiro	Sudeste	Estudo de Caso; Pesquisa empírica qualitativa	Winnicottiana	Ao colocar o primogênito na situação de apenas mais um, a fratria possibilita a introdução da criança na rede das relações sociais, pois lhe apresenta a diferença entre a realidade psíquica e a realidade grupal na família e na sociedade como um todo. Portanto, o vínculo fraterno pode ser visto como constitutivo do aparelho psíquico. Há a necessidade de assegurar um ambiente suficientemente bom para o desenvolvimento das crianças. Para isso, é importante serem trabalhadas as ideias e expectativas que os sujeitos envolvidos têm frente ao que está por vir.
3	Câncer infanto-juvenil: o trauma dos irmãos.	2012	MICELI, A. V. P. & ZORNIG, S. M. A. J.	PUC-Rio	Sudeste	Reflexões teóricas	Freudiana; Winnicottiana	Parece fundamental ressaltar a importância de intervenções direcionadas às crianças que não são o foco principal das estratégias médicas e institucionais, isto é, a criança (o irmão) que necessite um espaço de elaboração e fala que dê contorno e sustentação a seus afetos e possa diminuir o potencial traumático da exposição a

								uma doença terminal e/ou crônica.
4	A relação da agressividade e do crime nas constituições subjetiva e social.	2016	MELLO, J. P. de S., NETO, F. K., CALAZANS, R. & ROSÁRIO, A. B.	Universidade Federal de São João del-Rei	Sudeste	Reflexões teóricas	Freudiana	Investigando a relação entre crime, sujeito e sociedade, se julga necessário maior cautela ao associar a fundação da cultura ao ato violento. Será a partir da identificação e do reconhecimento entre os irmãos que ocorrerá a possibilidade de estabelecimento de um laço social, fundador da cultura. A agressividade, embora seja estruturante do sujeito, não é suficiente para o surgimento deste.
5	A fratura da função fraterna	2015	CALIGIURI, E. da S. C.	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)	Sudeste	Estudo de caso.	Freudiana.	É narrado um caso de um trabalho analítico com as irmãs L., N. e A., na busca de alguma compreensão para desentendimentos e conflitos que se repetiam ao longo de suas vidas, expressões de uma fratura da função fraterna. A autora percorre Kaës (2011) e cita a visão deste sobre o luto no complexo fraterno, em que ocorrem pactos intergeracionais de resistência ao luto de um dos filhos. Os efeitos da morte afetam diretamente o modo como se dá a transmissão psíquica aos irmãos e irmãs. Articula em Totem e Tabu e no artigo de Birman (2000), que os sentimentos fraternos conservam o desejo de manter laços inter-humanos e de assegurar a vida uns aos outros.
6	Da horda à comunidade psicanalítica: a função da fratria na transmissão da psicanálise.	2014	SUANNES, C. A. M. & BRACCO, M. K.	Instituto de Psicanálise “Durval Marcondes”; Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBSP)	Sudeste	Reflexões teóricas	Lacanianas.	Os membros filiados do institutos psicanalítico representam, no imaginário institucional, os filhos, a nova geração. Assim, a função fraterna faz pulsar o instituto e oxigena a Sociedade, pois põe em circulação as singulares apropriações do corpus psicanalítico, transformando a horda em comunidade, reinventando a própria psicanálise.

7	Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social.	2011	GOLDSMID, R. & FÉRES-CARNEIRO, T.	PUC-Rio	Sudeste	Estudo de caso; Revisão teórica	Freudiana;	Os estudos sobre a relação pais/filhos aparecem em maior número do que estudos sobre o fraterno. Nestes, por sua vez, as situações de ciúme, ódio e rivalidade são enfatizadas. A literatura a respeito da amizade e da solidariedade fraterna ainda é relativamente escassa e trata o nascimento do segundo filho como o surgimento de um estranho que invade, usurpa e transtorna a “harmonia familiar”. O vínculo de amizade representa a qualidade de fraterno, enquanto semelhante, e concordamos com Kancyper (2004), o qual afirma que a amizade é uma relação de irmandade eleita.
8	Torna-se irmão: o imaginário da criança frente a gravidez materna e a chegada de um irmão	2018	FAINGUELER NT, T. & TOSTA, R. M.	PUC-SP; PUC-Rio.	Sudeste	Estudo de caso; Pesquisa empírica qualitativa.	Winnicottiana.	A criança que está passando por um período de transição do Édipo para o período de Latência, além de ter que se adaptar às grandes mudanças em seu desenvolvimento, precisa também aprender a lidar com mudanças geradas pela chegada de um irmão. É percebido um maior impacto na vida do primogênito: fantasias surgem e são elaboradas em relação à perda do amor dos pais ou à perda de seu espaço na família. Os dados colhidos mostraram como grandes mudanças afetam a criança permanentemente e pode-se observar que é diferente o modo como cada família lida com esta situação. Para cada uma das crianças participantes da pesquisa, o bebê “estranho” desperta diferentes significados e representações.
9	Entre Neikos e Philia: notas sobre o complexo fraterno no caso	2015	DIAS, M. F. P.	Corpo Freudiano Escola de Psicanálise - Seção Belém	Norte	Estudo de caso.	Lacanian; Freudiana.	Lacan trabalha o caso Aimée à luz de uma fixação no complexo fraterno, onde a própria Aimée transfere, no curso de seu delírio, para várias pessoas sucessivamente as acusações de seu ódio amoroso, sendo este um esforço para se liberar de sua primeira fixação, sua irmã Elise.

	Aimée							Estes “novos” personagens de seu delírio, no entanto, são apenas uma nova imagem desta irmã da qual Aimée fez seu ideal.
10	O complexo fraterno: reflexões acerca do ciúme e da inveja entre irmãos.	2014	GOI, S. B. S.	UFRGS	Sul	Revisão teórica	Freudiana; Kleiniana;	O complexo fraterno pode ser pensado como um conceito básico para explicar as relações de disputa e rivalidade, permeados de afetos, desejos e comportamentos ciumentosos e invejosos, à detenção de uma figura de posse. O complexo de Édipo segue sendo fundamental no entendimento das relações triangulares e familiares. Não há a pretensão de que o complexo fraterno seja reducionista, mas sim complementar, enriquecendo a compreensão inter e transgeracional de um conflito.
11	O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura.	2013	TEIXEIRA, L. C. & MOREIRA, J. de O.	UERJ; PUC-SP.	Sudeste	Reflexões teóricas	Freudiana; Lacaniana	A história da cultura é a história da alteridade inaugurada pela violência do apelo irredutível do outro. É pelo Outro que o sujeito se reconhece como tal. O outro não lhe é agradável, porém é imprescindível. A alteridade, quando rechaçada implica em efeitos mortíferos dos pontos de vista singulares e coletivos, que se estendem à rede social e aos laços que, para além de meros vínculos interpessoais, assujeitam-nos à lógica da Lei e das leis, isto é, às funções paterna, materna e fraterna. Quando se rompem tais condições de vida subjetiva, o estrangeiro constitui o bárbaro com o qual não mantemos olhares identificatórios e identitários.

Os resultados apontam que nos anos de 2014 e 2015 houve um maior número de publicações de estudos sobre a relação fraterna (18,18% cada). Sobre as instituições dos autores desses estudos, foi encontrado que 4 deles pertencem a Sociedades ou Institutos de psicanálise, 4 são de universidades privadas, 4 de universidades federais e apenas 2 advêm de universidades estaduais. Quanto à região dos trabalhos selecionados, 9 foram produzidos no Sudeste (81,81%), 1 no Norte (9,09%) e 1 no Sul (9,09%). Não foram encontrados artigos das regiões Nordeste e Centro-oeste. Foi observado que quanto às metodologias que 5 são reflexões teóricas, 5 são estudos de caso, enquanto apenas 2 são revisões teóricas e 2 são pesquisas empíricas qualitativas. Em relação às tendências teóricas psicanalíticas, foram encontrados 7 artigos freudianos, 4 lacanianos, 3 winnicottianos e 1 kleiniano.

Em muitos artigos se pode perceber que a tendência é abordar uma fratria que também se configura como laço social e grupal, que tem seu início marcado na teoria freudiana em Totem e Tabu. Foram encontrados os artigos 1, 4, 6, 7 e 11 com esta abordagem em comum sobre laços de amizade, de colegas em uma instituição e, até entre membros de facções criminosas.

De outro lado, temos a fratria sob a ótica do Complexo de Édipo que com a chegada de novos irmãos, se estende para um Complexo Familiar, do primogênito que se recusa a perder sua posição de único ao dividir seu espaço e a atenção dos pais com um irmão, seu similar. Baseando-se nisso, observa-se que Freud desenvolve o Complexo Familiar a partir das relações de ciúmes e rivalidade entre irmãos. E, os autores, Kaës e Kancyper dialogam sobre a fratria tratando-a como um complexo fraterno muito mais profundo e articulado dentro da Psicanálise clínica. Trabalham com estas temáticas os artigos 2, 3, 5, 7, 8, 9 e 10.

A seguir, serão discutidos os textos encontrados nesta revisão, divididos entre as duas abordagens, enquanto o estudo 7, se apresentou como o elo entre as proposições de fratria nas abordagens clínica e social, e que por se encaixar em ambas, terá uma análise à parte.

PRIMEIRA ABORDAGEM:

A fratria de abordagem social-antropológica: A horizontalidade nos laços

Estudo 1: A lei do tráfico na horda brasileira: o Nome-do-Pai na criminalidade

Os autores utilizam a perspectiva Lacaniana sobre a obra de Freud, Totem e Tabu e o mito do parricídio no objetivo de conceituar como é formado o laço entre os membros do Primeiro Comando da Capital (PCC), onde nele se faz o Nome regulador da irmandade, horizontal e projetado de forma a evitar qualquer hierarquização de seus membros.

A irmandade no PCC, representa a interdição dos homicídios entre os participantes do grupo que buscam se fortalecer contra a opressão externa. Ante a irmandade constituída pelos membros da organização, é possível mencionar a natureza do crime como contravenção diante das leis sociais. Desta forma, o PCC se torna o resultado de um pacto que destina a violência àquele que não compactua com a irmandade. Socialmente, a função da fratria na organização se dá na proteção mútua e na inserção de seus irmãos na luta contra um inimigo em comum: a polícia e o Estado opressor.

O texto em si não se prende à gênese do conceito de fratria, mas como ela é estruturada na realidade do PCC como organização baseada no mito do parricídio e na formação dos laços fraternos sob o ponto de vista de Lacan a respeito do mito da horda primitiva e da fundação da cultura.

Estudo 4: A relação da agressividade e do crime nas constituições subjetiva e social.

Os autores tratam a questão do laço social como fundador da cultura e do reconhecimento entre os irmãos. Assim como Kehl, busca em Psicologia das Massas e Análise do Eu, Totem e Tabu e em sua continuação, Mal-Estar na Civilização, investigar os desdobramentos da ordem civilizatória e da maneira como o sujeito se estrutura a partir da

ordem. Da mesma forma como o texto 7, esse texto segue tais escritos de Freud se voltando à uma psicanálise mais social e antropológica.

Estudo 6: Da horda à comunidade psicanalítica: a função da fratria na transmissão da psicanálise.

Abordam a relação fraterna como uma interação entre psicanalistas integrantes da Associação de Membros Filiados dentro dos institutos de psicanálise. A dinâmica aqui apresentada é baseada na Função Fraterna de Maria Rita Kehl e se volta para o colega (outro) psicanalista que ocupa o mesmo espaço institucional, um olhar essencialmente voltado para o Outro, que é diferente, mas também semelhante.

Os conceitos da obra de Kehl aqui usados apontam para a atenção ao caráter essencial da participação do semelhante fraterno no processo de subjetivação humana. É destacado o pacto que se estabelece entre os irmãos, contra o pai primevo da horda e o conseqüente crime do parricídio que funda, a um só tempo, a culpa e a lei. Desta forma, Kehl ressalta que a fraternidade não se ancora na igualdade, mas que a condição fundamental da fraternidade seria a semelhança na diferença. A psicanálise no âmbito institucional então se reinventa através do laço fraterno entre psicanalistas, uma vez que põe em movimento as singulares apropriações do corpus psicanalítico e transforma o que seria horda em comunidade. Este estudo (6), assim como o estudo 1, são de grande contribuição para a literatura brasileira sobre a perspectiva de laço, que se encontra atrelado às relações dentro das mais diversas instituições (formais ou informais) na realidade brasileira.

Estudo 11: O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura.

Nesse artigo, os autores trazem a ideia de alteridade como intrinsecamente ligada à história da cultura em Totem e Tabu. Essa alteridade é inaugurada pela violência do apelo

irredutível do outro. Aqui, não se traz a fratria como ponto principal, mas o Outro, o estranho, pela psicanálise freudiana. A obra une conceitos da filosofia para explicar a alteridade como meio para a coletividade e, dentro dela, a relação fraterna.

SEGUNDA ABORDAGEM

A fratria na abordagem clínica: A relação entre irmãos nos complexos familiar e fraterno.

Estudo 2: O impacto emocional de se tornar irmão pela adoção: um estudo de caso coletivo.

Nessa pesquisa qualitativa, os autores utilizam como base unicamente a perspectiva Winnicottiana e sua obra “A adolescência das crianças adotadas”. Utilizaram o Desenho-Estória Temático (DE-T) com os filhos e entrevistas semiestruturadas com as mães.

A citação de Goldsmid e Féres-Carneiro (2007) “ao colocar o primogênito na situação de apenas mais um, a fratria possibilita a introdução da criança na rede das relações sociais uma vez que apresenta à criança a diferença entre a realidade psíquica e a realidade grupal na família e na sociedade como um todo. Por esse motivo, o vínculo fraterno pode ser tido como constitutivo do aparelho psíquico.” traz um exemplo freudiano sobre quando a criança é obrigada a sair de seu estado de Édipo e é obrigada a ingressar na dinâmica do complexo familiar, além de convergir com o conceito de complexo fraterno de Kaës e Kancyper.

Estudo 3: Câncer infanto-juvenil: o trauma dos irmãos.

Esta obra traz o conceito de trauma e de que forma dentro do âmbito familiar está posicionado o sujeito - irmão - que está saudável e não está a receber os cuidados parentais

devido a uma doença que acomete o outro irmão. O irmão tido como saudável então acaba ficando de lado, não recebendo tanta atenção da família ou da equipe de saúde. As figuras parentais não percebem que o filho também necessita de ajuda para elaborar sua ausência e alguns sentimentos que podem surgir, tais como angústia, medo, inveja, raiva, ciúme, culpa, ressentimento e remorso, bem como as fantasias de contribuição para o adoecimento do irmão e/ou para o afastamento dos pais.

Estes sentimentos citados convergem com o que Freud discorre sobre os efeitos deste grande evento na organização psíquica ulterior do irmão saudável e sua queda narcísica, por ser não mais detentor da atenção dos pais e ter que dividi-la com um irmão necessitado de mais cuidados que ele. Além disso, há o fator gerador do trauma com o risco de uma iminente morte do irmão. Para Kaës (p. 210), em casos de morte precoces ou pré-históricas, deve-se tomar em consideração outra variável: que o trabalho de luto de um irmão é inseparável da elaboração do luto que os pais puderam realizar quanto ao filho perdido. Para os filhos sobreviventes, a imago do irmão falecido pode aparecer como duplo mortal e mortífero, como uma imagem de seu narcisismo destruidor. Então, sob a dinâmica do Complexo Fraternal é por meio desse esquema imaginário, que o sujeito poderá constituir e aparelhar suas relações intersubjetivas.

A abordagem Winnicottiana nesse texto (3) não contribui com novas noções de fratria, mas enfatiza o papel estruturante do ambiente e dos cuidados objetais, assim como do trauma e do luto no desenvolvimento do bebê.

Estudo 5: A fratura da função fraterna

A autora do texto 5 relata um caso clínico sobre três irmãs que decidiram romper contato entre si. A autora reafirma Totem e Tabu como um texto essencial sobre a formação do laço fraterno em reação à onipotência do pai. Utiliza também do Complexo Fraternal de

Kaës para descrever seu estudo de caso à luz da Psicanálise e ressalta a importância deste diante das diversas dinâmicas que circundam a fratria, tal como a morte de um irmão e o pacto intergeracional de resistência ao luto que afeta diretamente os filhos e a relação entre estes. Esse estudo de caso se ancora nos conceitos encontrados no livro *A Função Fraternal* de Maria Rita Kehl - uma das referências brasileiras a reunir autores psicanalistas para comentar sobre a relação entre irmãos.

Estudo 8: Torna-se irmão: o imaginário da criança frente a gravidez materna e a chegada de um irmão

Nesse artigo de pesquisa qualitativa, foram aplicados os testes de Desenho-Estória e Desenho da Família em primogênitos, como instrumento que investiga as concepções sobre a gravidez da mãe e seu lugar na família como um futuro irmão mais velho. Mostra que não apenas através da fala, mas por meio de brincadeiras e das técnicas utilizadas nos instrumentos, expressam suas ansiedades e angústias diante dessa fase marcante em suas vidas à chegada desse irmão estranho. Fantasiam, especialmente, sobre a perda do amor dos pais e a perda do espaço no núcleo familiar.

As autoras captam conceitos de Winnicott quanto ao filho único e as desvantagens de uma criação sem irmãos: em que o brincar solitário passa a se tornar desinteressante e assim a criança volta sua atenção para os adultos. Enquanto que com a chegada de um irmão, ressalta a importância que o primogênito se depare com sentimentos de ambivalência em relação ao bebê, pois é nele que o primogênito pode perceber que o ódio sentido por ele passa a coexistir com o amor, à medida que constrói uma relação de companheirismo, cumplicidade e carinho para com o irmão recém-chegado. Sentimentos como o ciúme, para Winnicott, são considerados positivos, visto que favorecem ao primogênito a capacidade de desenvolver recursos para lidar com esse sentimento à medida que for crescendo e convivendo com o

irmão e os pais. Também, indica que a chegada de um irmão prepara o mais velho para a convivência com a diversidade no âmbito familiar.

Assim como no artigo 2, o Desenho-Estória marca um instrumento que fomenta analisar as fantasias dos entrevistados por meio da fala e do desenho, bem como fazer interpretações através do princípio do mecanismo de projeção.

Estudo 9: Entre Neikos e Philia: notas sobre o complexo fraterno no caso Aimée

Este artigo trabalha o Complexo Fraterno sob o entendimento dos conceitos de Assoum em sua obra “Lecciones psicoanalíticas sobre hermanos y hermanas”; também em Lacan, onde as questões de fratria são essencialmente trabalhadas a partir do fenômeno do duplo. No estudo de caso aqui relatado (9), Aimée transfere seus delírios para outras pessoas, em uma tentativa de se desprender de sua irmã Elise, sua fixação primitiva. Como se trata de um estudo de caso sobre a relação fraterna entre Aimée e Elise, a autora (9) também capta escritos de Freud no que se refere à relação entre irmãos e irmãs, especificamente. Este estudo (9) corrobora igualmente com Freud, a noção do complexo de Édipo que se estende ao complexo familiar com a chegada de outros irmãos, vistos pelo filho mais velho como intrusos e rivais.

Estudo 10: O complexo fraterno: Reflexões acerca do ciúme e inveja entre irmãos

Neste artigo de revisão teórica, a autora resgata os conceitos fundamentais de complexo fraterno por Kaës e Kancyper, autores que se debruçaram especificamente em elevar a relação fraterna como um real complexo psicanalítico. Explora em particular, as dinâmicas de ciúmes e inveja na fratria.

As citações freudianas nesse texto se referem à orientação dominante sobre a relação fraterna desenvolvida por Freud: os efeitos das relações entre irmãos e irmãs sobre sua organização psíquica ulterior.

ELO ENTRE AS DUAS ABORDAGENS

A fratria nas proposições clínica e social-antropológica

Estudo 7: Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social.

Esse estudo traz os anos 2000 como ponto de partida para um interesse maior por parte de psicanalistas em estudarem sobre relações fraternas. O ponto central do próprio texto é a fratria, assim as autoras exploram profundamente a relação entre irmãos em inúmeros âmbitos. É importante ressaltar que neste texto, o exemplo de famílias em que os irmãos cúmplices mantêm grande proximidade afetiva e a relação fraterna que se estende à família mais ampla quando crescem, gerando um intercâmbio afetivo amoroso entre tios e sobrinhos que vai se refletir na amizade entre os primos. Sobre a amizade, as autoras tratam esta como um laço fraterno que o sujeito escolhe formar socialmente, chamando-os de “irmãos escolhidos” e destaca que a amizade representa a qualidade de fraterno enquanto semelhante. Elas apontam, no entanto, uma certa escassez para uma literatura que trabalhe a relação de amizade e solidariedade entre irmãos, ao mesmo tempo que criticam a existência de uma tendência a privilegiar as relações de rivalidade fraterna como importante estruturante psíquico. Chamam a atenção para relações deficitárias quanto ao cuidado parental, onde os irmãos assumem o papel de cuidadores e criam uma rede de apoio uns aos outros, corroborando assim, com a proposição dos textos 1 e 5, respectivamente.

Não deixam de se basear na obra da brasileira psicanalista Maria Rita Kehl e no complexo fraterno de Kancyper. Porém, em Freud, apontam questões como o narcisismo das pequenas diferenças que aparecem nas relações com o Outro corroborando com os textos *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Mal-estar na civilização*. A obra de Kehl e colaboradores é reconhecida em três dos artigos encontrados nesta revisão (5, 6 e 7), o que contabilizou 27,27% dos estudos, de forma que expõe como a questão do fraterno, aberta há 22 anos, ainda se faz importante na contribuição sobre o desenvolvimento de teorias e reflexões no campo psicanalítico.

Ainda, as autoras deste estudo (7), contribuem trazendo robustos conceitos sobre o tema da fratria desde 2007 em seu artigo “A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão” fazendo uso principalmente dos conceitos freudianos dos campos sociais, grupais e antropológico, atrelando-os ao contexto familiar. Embasam também outros estudos encontrados nesta revisão (2 e 8), favorecendo um resgate à temática e uma imprescindível atualização na literatura sobre o laço fraterno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou analisar as contribuições teóricas sobre a fratria no contexto brasileiro nos últimos dez anos. Se busca aqui saber de que forma os autores têm tratado o laço fraterno psicanalítico na contemporaneidade. Foi constatado que pesquisadores do Norte, Sul e, majoritariamente, do Sudeste do país se debruçaram sobre esta temática, bem como uma ausência de pesquisas advindas das regiões Nordeste e Centro-Oeste.

Observou-se que pela análise da revisão integrativa, a psicanálise que explica a gênese do laço social entre iguais não pode estar dissociada das novas teorias clínicas, tendo em vista que amplos conceitos sobre fratria como o Complexo Fraterno foram se desenvolvendo a

partir destes primeiros escritos de Freud. Ainda que seja de ordem muito mais antropológica que clínica, Totem e Tabu, assim como Psicologia das Massas, Análise do Eu e Mal-Estar na Civilização podem fornecer importantes saídas positivas acerca de como o laço fraterno pode ser usado a favor da construção de grupos e tornar os amigos seus “irmãos eleitos”, assim como também pode apontar para a problemática do narcisismo das pequenas diferenças.

Há uma notável falta para a visão e o desenvolvimento da teoria Kleiniana sobre os irmãos, especialmente na infância, assim como não têm se falado ou retomado - ao menos nos últimos 10 anos - às teorias de Adler, outro psicanalista o qual contribuiu para o avanço da literatura das questões fraternas. Enquanto isso, os estudos empíricos mostraram que por meio de técnicas de investigação da personalidade como Desenho-Estória, Desenho-Estória Temático e Desenho da Família Temático, a psicanálise Winnicottiana se faz presente. As autoras, baseadas nos escritos de Winnicott expõem arranjos e mudanças possíveis a serem feitas no núcleo familiar para o filho único que está a esperar um irmão - seja este biológico ou adotivo - de forma a situar e adequar o mais velho a essa nova realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Elyseu, S. (2003). Complexo fraternal: A fonte do ciúme e da inveja. *Psicologia: Teoria e Prática* 5(2), 56-66.

Filho, J. G. T. de C. & Chaves, W. C. (2014) A ACEPÇÃO DE FAMÍLIA NA TEORIA PSICANALÍTICA: SIGMUND FREUD, MELAINE KLEIN E JACQUES LACAN. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n.41, p.<100-118>, jul./dez. 2014

Freud, S. (1913) Totem e tabu *In: FREUD, S. Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, 11).

Freud, S. (1996) Obras completas brasileiras. Rio de Janeiro: Imago. (1900) “A interpretação dos sonhos”, v.I e II, p.15-721.

Goldsmid, R. & Féres-Carneiro, T. (2007) A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 293-308, dez. 2007

Kaës, R. (2011). O complexo fraterno. Aparecida, SP: Idéias & Letras; 2011.

Kancyper, L. (2019) O complexo fraterno : estudo psicanalítico / São Paulo : Blucher, 2019.

Kehl, M. R. (2000). *Existe uma função fraterna?*. Recuperado em 09 de abril de 2022, de Ato e Transgressão: correio APPOA | abril 2010

Moreira, J. de O. (2004). ÉDIPO EM FREUD: O MOVIMENTO DE UMA TEORIA. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, mai./ago. 2004

Monzani, L. R. (2011) *Totem e Tabu: uma revisão*. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 243-255, jul./dez. 2011

Pereira, C. R. R. & Lopes, R. de C. S. (2013) Rivalidade fraterna: Uma proposta de definição conceitual. *Estudos de Psicologia*, 18(2), abril-junho/2013, 277-283